

**Khan, Sheila, e Sandra Sousa, eds. 2023.  
*Djaimilia Pereira de Almeida: Tecelã de Mundos  
Passados e Presentes*. Braga: U. Minho/Centro  
de Estudos de Comunicação e Sociedade.<sup>1</sup>**

**Ana Aires e Castro**

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

CHAM – Centro de Humanidades (NOVA FCSH)

ana.castro1@edu.ulisboa.pt

ORCID: 0009-0001-8467-4138



<sup>1</sup> Este trabalho insere-se no âmbito da Bolsa de Investigação concedida ao abrigo do Projeto “WomenLit – Literatura de Mulheres: Memórias, Periferias e Resistências no Atlântico Luso-Afro-Brasileiro”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (<https://doi.org/10.54499/PTDC/LLT-LES/0858/2021>).

NESTAS BREVES PÁGINAS propõe-se uma recensão do recentemente publicado volume de ensaios *Djaimilia Pereira de Almeida: Tecelã de Mundos Passados e Presentes*. A obra foi dada à estampa em 2023, pela mão das investigadoras Sheila Khan e Sandra Sousa, contando com a edição conjunta do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade e a Editora da Universidade do Minho. Trata-se de um esforço notável de compilação de novos estudos críticos sobre a aclamada escritora Djaimilia Pereira de Almeida, tratando-se da primeira obra que se debruça inteiramente sobre a autora.

As editoras do volume consideram que a autora aqui estudada pertence “a uma geração de afrodescendentes formados em Portugal que começam a questionar o seu papel de herdeiros de processos imperiais tanto a um nível local como global – estabelecendo elos com uma diáspora europeia ou mesmo americana” (Khan e Sousa 2023, 20). A autora nasceu em 1982, em Luanda, mas desde cedo vive em Portugal, tendo crescido na capital do ex-império, um espaço que, sendo fortemente multicultural, sempre se pautou pela discriminação face aos sujeitos não brancos, existindo uma particular tensão com aqueles vindos das ex-colónias portuguesas. Um dos temas que mais encontramos na sua obra literária é precisamente uma reflexão sobre o espaço que estes sujeitos marginalizados ocupam, normalmente numa Lisboa pós-colonial, e o que os seus corpos significam nesses espaços, como é o caso de *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2018) e *Três Histórias de Esquecimento* (2021) que, coincidentemente, são também as obras mais estudadas no volume de ensaios editado por Khan e Sousa. A autora serve-se também de aspetos autobiográficos, principalmente no seu romance de estreia, *Esse Cabelo* (2015), para perceber como corpos não brancos são percecionados em Portugal, partindo do cabelo para o início de uma discussão profunda sobre as relações sociais e familiares e o caminho tortuoso e instável para a construção de uma identidade negra segura de si. Como sinal da consagração pública das suas obras, a autora já foi por diversas vezes distinguida com prémios literários, nomeadamente o Prémio Oceanos (2019 e 2020), o Prémio Fundação Inês de Castro (2018) e o Prémio Fundação Eça de Queiroz (2019), assim como ocupou o lugar de finalista em vários outros.

Depois desta breve nota sobre o percurso da autora, percebe-se a pertinência de se publicar um estudo mais aprofundado acerca da sua obra, neste caso, tendo a vantagem de contar com contribuições de diversos investigadores nacionais e internacionais. Depois de um prefácio de Inocência Mata, investigadora e professora universitária, cujo trabalho é referência na área das literaturas em português, nomeadamente as literaturas africanas, a obra prossegue com uma introdução a duas mãos das editoras da coletânea, com o título “Por Uma Ecologia de Questionamentos e de Encontros”. Nesta rica introdução, precedendo o breve resumo que as investigadoras fazem dos capítulos de cada um dos autores, as mesmas oferecem uma panorâmica sobre a obra de Almeida, com a particularidade de a inserirem no sistema da «literatura-mundial», tal como pensado pelo Warwick Research Collective (Khan e Sousa, 2023: 20). A obra da autora destaca-se, por isso, por dialogar com as inquietações dos jovens escritores da sua geração, nomeadamente os afrodescendentes, sendo os seus temas facilmente aplicáveis tanto a contextos nacionais como além-fronteiras. Tal como descrevem as autoras desta introdução: “Djaimilia oferece-nos a oportunidade de (re)pensar o lugar da sua geração num mundo sistemicamente pautado pela

violência, pela discriminação e pela imposição de fronteiras” (Khan e Sousa 2023, 20). Ou seja, entendemos este importante contributo da academia para alargar os diálogos tão necessários num tempo de fortes tensões sociais e políticas a nível europeu e não só. A obra de Almeida dá, eloquentemente, a voz a sujeitos que continuam, muitas vezes, a ocupar lugares marginais na sociedade portuguesa. No entanto, estas são vozes que sempre pertenceram a este espaço e que agora começam a encontrar formas de não serem mais ignoradas, através da obra de diversas autoras afrodescendentes que se têm vindo a notabilizar no panorama literário português: Gisela Casimiro, Yara Monteiro, Patrícia Moreira e Luísa Semedo, para mencionar apenas algumas.

A obra de Almeida pode, deste modo, ser lida como uma forma de resistência e resiliência face à tentativa de apagamento das memórias de minorias, que muitas vezes dependem da manutenção das suas tradições e demais aspetos da vida comunitária para sobreviverem. Margarida Rendeiro, no seu capítulo intitulado “Memória Histórica, Literatura e Rasura: Escrita Reparativa em *Três Histórias de Esquecimento* (2021)” traz para a discussão a memória histórica, enfatizando o facto de os protagonistas destas três histórias serem sujeitos que tradicionalmente ficaram à margem da cultura literária portuguesa. A investigadora incita-nos a questionar que sujeitos foram e continuam a ser subalternizados e excluídos de uma memória nacional que é muitas vezes marcada por um saudosismo em relação à época colonial. A partir de um estudo de algumas personagens de *Três Histórias de Esquecimento*, conclui-se que se trata de sujeitos que, existindo e lutando pela sobrevivência na capital, ainda assim são invisíveis aos olhos daqueles que beneficiaram com a história colonial portuguesa, isto é, os portugueses brancos.

Também em “Uma Economia de Afetos Coloniais: A Mediação de Identidades Subalternizadas em *Luanda, Lisboa, Paraíso*, de Djaimilia Pereira de Almeida”, Daniel M. Laks mostra-nos como “as subjetividades [das personagens da autora] são marcadas pelas dinâmicas coloniais, representando uma colonialidade que sobrevive através dos seus efeitos secundários” (155). As relações afetivas tornam-se, para as personagens do romance aqui estudado, a única arma para enfrentar um espaço urbano hostil que, inclusivamente, acaba para as expulsar para a periferia – no romance, sob a forma de um bairro ficcional de nome Paraíso. Neste espaço pautado pela precariedade, criam-se dinâmicas de entreajuda que a custo contribuem para colmatar as necessidades básicas dos habitantes do bairro. O autor aponta ainda para o género como um fator importante a considerar nestas dinâmicas, uma vez que é Justina, irmã do protagonista, Aquiles, e filha do pai de ambos, Cartola, que tem o papel de vir a Portugal para organizar a casa e a vida dos familiares, sendo também ela que, em Angola (lugar de origem da família), tem o papel de cuidadora da mãe acamada, vendo assim a sua vida hipotecada em função das expectativas que têm dela.

Roberta Guimarães Franco, no capítulo “As Relações Possíveis Apesar do Sofrimento Abissal: O Realismo Afetivo de Djaimilia Pereira de Almeida” introduz o conceito de “realismo afetivo” (37) para frisar ainda a questão dos afetos como estratégia de resistência face a um quotidiano sombrio e difícil. A autora dá o exemplo de Boa Morte, protagonista de *Maremoto* (com edição autónoma, mas também incluído em *Três Histórias de Esquecimento*). A personagem sobrevive nas franjas da

sociedade como arrumador de carros, sendo, portanto, um dos muitos invisíveis da cidade de Lisboa. No entanto, “alimenta a ideia de que é essencial para o funcionamento da cidade e, mesmo quando se reconhece à margem, sente-se parte de alguma coisa, como uma figura paterna de outros tão à margem como ele” (52). A autora do capítulo refere-se a Fatinha, uma jovem sem-abrigo com quem Boa Morte estabelece uma relação quase paternal.

O capítulo “*Maremoto: Despojos de Guerra, Solidão e Testemunho em Tempos Pós-Coloniais*”, de Sheila Khan, debruça-se também sobre *Maremoto*. Importa dizer que Boa Morte da Silva, o protagonista, foi ex-combatente na guerra colonial na Guiné-Bissau. Como observámos anteriormente, Lisboa não o recebeu de braços abertos, muito pelo contrário, condicionando-o a uma nova luta diária, desta vez pela sobrevivência nas ruas da capital. Khan considera que “Boa Morte é a metáfora desta exclusão crónica, estrutural e abissal que o expulsa de uma cidadania inclusiva e reparadora. É também o rosto dos males e das feridas que a guerra colonial deixou como marcas invisíveis e, porém, constantes que falam pelo corpo com uma força autónoma, como uma segunda pele que não se pode arrancar” (84). No corpo da personagem inscrevem-se os traumas da guerra colonial, tendo ele também pesadelos que o assombram, sob a forma de memórias daquele tempo. No entanto, a personagem escreve as suas preocupações e o seu dia a dia em cartas para uma filha que nunca chegou a conhecer, podendo perceber-se esta atividade, como argumenta a socióloga, como “a clara vontade de uma reversão de uma hegemonia da memória que vai sempre no sentido do detrimento de tantas outras experiências que, indiscutivelmente, importam para a concretização de uma ecologia pós-imperial de saberes e de conhecimentos” (88).

Já o capítulo “*Ecocumplicidade em A Visão das Plantas*, de Djaimilia Pereira de Almeida”, de Sandra Sousa, traz-nos o protagonista de outra das *Três Histórias de Esquecimento*, também um ex-combatente, Celestino, que voltou à sua casa de família, abandonada e degradada, para passar os últimos anos da sua vida a cuidar do jardim da propriedade. O capítulo também contribui para a discussão acerca da memória do ex-império e dos seus sujeitos esquecidos, trazendo, contudo, a dimensão da ecocrítica, como um contributo inovador para se pensar a obra de Almeida. Tal como aponta a autora, a guerra colonial caracterizou-se pela “violência não apenas contra seres humanos, mas também contra a natureza” (114). Sousa aponta o conceito de “ecoterapia” como aquilo que Celestino pensa estar a fazer para expurgar ou esquecer os traumas do passado. Porém, como sublinha a investigadora, “jardinar não é uma forma de terapia ou escape do império, mas uma outra instância do império” (118) e dá o exemplo das especiarias que o ex-combatente transplanta para o seu jardim. Ou seja, “ele acaba apenas por sublimá-lo, deslocando o império para uma outra forma de prática cultural: a jardinagem ornamental” (119).

Debruçando-nos agora sobre o capítulo “*Vidas Precárias, Vulnerabilidades Masculinas*”, de Cláudia Pazos-Alonso, observamos mais uma reflexão sobre o romance *Luanda, Lisboa, Paraíso*, nomeadamente sobre a precariedade e vulnerabilidade que marcam a vida de Cartola e Aquiles desde a sua chegada a Lisboa, com o intuito de tratar o calcanhar do segundo, até à vida miserável no bairro periférico Paraíso. A autora aborda a debilidade física e psicológica das personagens, relacionando-a com a profunda desilusão face à capital portuguesa, na qual os protagonistas

se tornam seres invisíveis e à margem da sociedade. Para acrescentar mais camadas às provações que vivem, o tratamento do calcanhar de Aquiles fracassa e os dois vêm-se gradualmente em piores condições de habitabilidade, até que um incêndio destrói os seus parques bens (99). A autora desenvolve ainda a relação de Cartola com o chapéu que lhe dá a sua alcunha, refletindo como este objeto contribuiu para a construção da sua subjetividade. Num momento final em que o protagonista enterra o chapéu, este gesto torna-se, nas palavras da autora, “um sinal de desprezo pela cidade inóspita, num reconhecimento mudo de que o que dá mais valor à vida é o amor, em sentido lato, e não os bens materiais” (104). Verificamos, assim, mais uma instância em que os afetos servem para reclamar uma identidade perdida e criar redes de solidariedade e entreajuda.

Já em “Deficiência, Racialização, e Colonialidade em *Luanda, Lisboa, Paraíso*”, Daniel F. Silva apresenta uma análise interessante das personagens deste romance. O investigador parte do conceito de “colonialidade”, tal como inicialmente desenvolvido por Aníbal Quijano, para contrastá-lo com o colonialismo racial e perceber como estas dinâmicas se manifestam em corpos marginalizados, seja pela raça ou pela deficiência. No contexto português, o autor argumenta que a colonialidade “caracteriza-se, portanto, pela simultânea exploração económica e hiper-vigilância de emigrantes e comunidades afrodescendentes” (69). Neste sentido, Aquiles, como cidadão negro e portador de uma deficiência, é automaticamente relegado para este espaço de exclusão social, sentindo os efeitos do colonialismo racial no próprio corpo (71). O autor conclui, argumentando, que o pé de Aquiles funciona como uma “metáfora/alegoria dos modos de racialização anti-negra em Portugal que articulam corpos negros em termos de deficiência ou falta vis à vis a normatividade do cidadão português branco” (72).

O capítulo “«Ver Vem Antes das Palavras»: As Crónicas de Djaimilia Pereira de Almeida”, apresenta-nos um olhar diferente dos anteriores, no sentido em que a sua autora, Susana Pimenta, apresenta algumas considerações sobre as crónicas de Almeida, até agora muito pouco estudadas, sob a lente dos estudos de cultura. Neste sentido, a investigadora propõe-se a apresentar a “escritora-cronista do seu tempo e do seu lugar, da vida quotidiana e da humanidade, num tempo pós-colonial” (170). A autora destaca particularmente a profundidade dos temas que Djaimilia escolhe abordar nas suas crónicas, que se prendem muitas vezes com o ser humano, com temas que tratam “do nascimento, da velhice, da fragilidade do outro, do anónimo, da mulher, da casa, da morte” (175), entre outros.

O último capítulo que iremos mencionar é, também, inovador. Carla Sofia Araújo apresenta-nos “Análise Lexicométrica de *Luanda, Lisboa, Paraíso*, de Djaimilia Pereira de Almeida”. Tal como o nome do capítulo enuncia, a investigadora apresenta uma leitura deste que é o mais estudado romance de Almeida na antologia, sob o prisma das ciências da linguagem, propondo-se a fazer uma análise lexicométrica da obra, baseada no estudo estatístico das palavras-tema, descobrindo assim os campos temáticos mais relevantes do romance. Para isto, a autora apresenta primeiro uma explicação dos vários conceitos que emprega no capítulo, passando depois para a análise dos resultados encontrados. Conclui que a vantagem de utilizar a lexicometria para o estudo de um romance prende-se com o facto de ser possível, através de métodos computacionais, analisar uma grande quantidade de dados linguísticos e

proporcionando uma diferente perceção do texto daquela que os estudiosos da literatura geralmente oferecem (203).

À luz das breves considerações que fizemos de cada um dos capítulos, facilmente demonstramos o que já argumentávamos no início, ou seja, o facto de esta antologia constituir um contributo inestimável para o estudo da obra literária de Djaimilia Pereira de Almeida. Através de um só volume, que tem a vantagem de estar publicado em acesso aberto e disponível *online*, os atuais e futuros estudiosos da obra de Djaimilia Pereira de Almeida veem reunidos, num só espaço, ensaios de elevada qualidade e importante e inovador conteúdo. Como também já tivemos a oportunidade de observar, encontram-se na obra contributos que extravasam as fronteiras dos estudos literários, nomeadamente com a inclusão dos estudos de cultura e ciências da linguagem, o que, no nosso entender, contribui para a qualidade e pertinência da obra aqui recenseada. A única fragilidade que cremos existir na antologia prende-se com o facto de muitos dos estudos centrarem-se nas mesmas duas obras da autora, *Luanda, Lisboa Paraíso* e *Três Histórias de Esquecimento*, apesar, é certo, de a última se subdividir em três histórias independentes. Seria interessante, para trabalhos futuros sobre a autora, incluírem-se também outras obras ainda muito pouco estudadas, como é o caso de *Ferry* (2022), mencionado apenas na introdução (21) e um mais aprofundado estudo sobre as suas crónicas, por exemplo.

Concluímos esta recensão reiterando o importante contributo de *Djaimilia Pereira de Almeida: Tecelã de Mundos Passados e Presentes* para o estudo da generalidade da obra da autora, saudando a excelente organização do volume por parte das suas editoras, Sheila Khan e Sandra Sousa. Acreditamos que, desde o primeiro momento da sua publicação, este volume está a ser importante para fomentar o estudo e a leitura das obras de Almeida e esperamos que, inclusivamente, ele também possa chegar a um público não académico, no sentido de dar a conhecer a obra da escritora na sociedade portuguesa contemporânea, mas também nos espaços das suas diásporas, num momento em que os debates sobre identidade, raça e inclusão estão cada vez mais presentes. É fácil acreditar também que a obra possa inspirar jovens autores a publicarem sobre estas problemáticas.

**Ana Aires e Castro** é mestranda em Literaturas, Artes e Culturas Modernas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde desenvolve uma dissertação na área das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Licenciou-se na mesma instituição em Línguas, Literaturas e Culturas (2022), com *minors* em Artes e Culturas Comparadas e Estudos Portugueses. Após a licenciatura frequentou o curso livre Introdução ao Estudo da Literatura Cabo-Verdiana (2022), na NOVA FCSH. Atualmente é bolsreira de investigação no âmbito do projeto “*WomenLit* – Literatura de Mulheres: Memórias, Periferias e Resistências no Atlântico Luso-Afro-Brasileiro” (<https://doi.org/10.54499/PTDC/LLT-LES/0858/2021>).

© 2024 Ana Aires e Castro

Licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY 4.0).